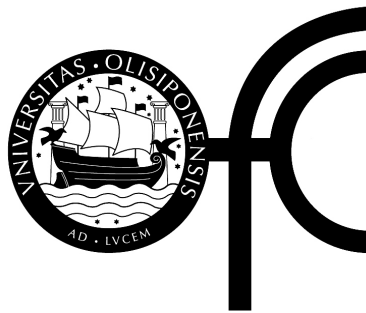# Universidade de Lisboa

Faculdade de Ciências

Departamento de Biologia Vegetal

**FACULDADE
DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Transfer and accumulation of Paralytic and Amnesic Shellfish Toxins in secondary consumers of the marine trophic chain

Sandra Lage

Mestrado em Ecologia Marinha

2010

Universidade de Lisboa

Faculdade de Ciências

Departamento de Biologia Vegetal

**FACULDADE
DE CIÊNCIAS**
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Transfer and accumulation of Paralytic and Amnesic Shellfish Toxins in secondary consumers of the marine trophic chain

Sandra Lage

Mestrado em Ecologia Marinha

2010

Dissertation supervised by:

Dr Pedro Costa

Instituto de Investigação das Pescas e do Mar – IPIMAR

Professora Dr.ª Vanda Brotas

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – FCUL

Centro de Oceanografia – CO

Index

_____

Index of figures and tables

4. Detection and sub - cellular distribution of the amnesic shellfish toxin in the digestive gland of *Octopus vulgaris* during periods of toxin absence

Resumo

_____

O fitoplâncton é o principal produtor primário dos oceanos, representando uma relevante fonte de matéria orgânica que suporta o funcionamento da cadeia alimentar marinha. Contudo a proliferação relativamente repentina de determinadas espécies de fitoplâncton tóxico e/ou nocivo, atingindo elevadas concentrações de células na água do mar, conduz a graves impactos na cadeia trófica marinha, na ecologia dos oceanos, na integridade dos ecossistemas, na saúde humana e nas indústrias e economias apoiadas nos recursos marinhos. Estima-se que existam cerca de 4000 espécies de fitoplâncton marinho, das quais 200 são consideradas nocivas e apenas 80, essencialmente dinoflagelados, têm a capacidade para produzir toxinas.

Organismos marinhos que obtêm o alimento por mecanismos de filtração, como é o caso dos moluscos bivalves, podem concentrar um elevado número de células de fitoplâncton tóxico acumulando concentrações elevadas de toxinas marinhas nos seus tecidos e provocar intoxicações no Homem. Em Portugal, as biotoxinas com propriedades neurotóxicas mais comuns são as toxinas paralisantes (PST) e as toxinas amnésicas (AST).

Até ao momento foram identificadas pelo menos 24 toxinas paralisantes, com diferentes estruturas químicas e toxicidades. Os compostos PST podem ser divididos em três grupos, conforme apresentado a seguir e por ordem crescente de toxicidade: _N_ - sulfocarbamoil (B1, B2, C1 - C4), decarbamoil (dcGTX1 - dcGTX4, dcNeo, dcSTX) e carbamoil (GTX1 - GTX4, Neo, STX). A composição de toxinas das espécies produtoras de PSTs é variável, dependendo da zona geográfica e dos respectivos

factores ambientais que caracterizam essas zonas. Em Portugal, os compostos PST, são principalmente produzidos pelo dinoflagelado *Gymnodinium catenatum*, sendo o seu perfil constituído maioritariamente pelas toxinas *N* - sulfocarbamoil e decarbamoil. Este perfil é normalmente detectado na fauna marinha exposta aos florescimentos deste dinoflagelado. Todavia algumas das espécies contaminadas apresentam alterações nos seus perfis de toxinas, devido a possuírem mecanismos de acumulação, biotransformação e eliminação das toxinas no seu organismo.

O aminoácido ácido domóico (DA) é a principal AST e apresenta uma estrutura química semelhante ao neurotransmissor excitatório ácido glutâmico e à neurotoxina excitatória cainato. Esta toxina amnésica é produzida por diatomáceas marinhas do género *Pseudo-nitzschia* spp, sendo na costa portuguesa essencialmente produzido por *Pseudo-nitzschia australis*.

As toxinas marinhas entram na cadeia alimentar a partir de moluscos bivalves e outros consumidores primários tais como zooplâncton e peixes plânctivoros, que se alimentam de microalgas tóxicas. Crustáceos braquiúros e cefalópodes são um exemplo de consumidores secundários, com uma dieta composta essencialmente por marisco e pequenos peixes pelágicos e bentónicos, em que elevadas concentrações de toxinas foram já reportadas. Por via de relações tróficas, as toxinas são transferidas até aos predadores de topo, podendo nos episódios agudos conduzir à mortalidade de mamíferos e aves marinhas. Estas consequências ecológicas fomentam a necessidade de avaliar o potencial dos consumidores secundários como vectores e os impactos das toxinas marinhas na cadeia trófica.

Resumo

O carapau, *Trachurus trachurus*, é um consumidor secundário de elevada importância em termos de abundância na costa portuguesa. Este peixe semi - pelágico ocupa uma posição central na cadeia trófica podendo ser um potencial vector de toxinas para os predadores de topo. De modo a avaliar a sua capacidade para acumular PSTs, indivíduos desta espécie foram amostrados quinzenalmente em Peniche e Portimão, costa noroeste e sul portuguesa, entre Setembro de 2009 e Março de 2010.

Concentrações elevadas de PST foram determinadas em todos os indivíduos capturados em Peniche em Setembro 2009. O que possibilita que o carapau transfira as toxinas para os predadores de topo, mamíferos e aves marinhas, que são sensíveis às PST e que consequentemente pode provocar a sua mortalidade. Contudo nas amostras de carapau colhidas em Peniche nos meses seguintes e todas as amostras colhidas em Portimão as PST não foram detectadas.

Ao se verificar que os peixes, no meio natural, acumulam PSTs a partir do consumo de presas contaminadas, surge a necessidade de compreender a dinâmica de acumulação e eliminação destas toxinas. Para tal o sargo, *Diplodus sarugus sargus* foi exposto, em ambiente controlado, a berbigão, *Cerastoderma edule*, contaminado com PSTs durante um período de 5 dias. Seguidamente realizou-se um período de eliminação, de 10 dias, em que o sargo se alimentou de berbigão não tóxico.

Durante o período de exposição ao berbigão contaminado, a concentração das PSTs revelou um aumento cumulativo nos tecidos gastrointestinais do sargo. Contudo das 10 PSTs presentes no perfil de toxinas do berbigão, apenas: C1+2, B1 e dcSTX foram detectadas no sargo. C1+2 foi esporadicamente detectado nos primeiros dias da

experiência, enquanto B1 e dcSTX foram detectados continuamente. Durante o período de exposição as concentrações de B1 foram sempre superiores às de dcSTX, o que se encontra de acordo com as respectivas proporções no perfil de PSTs do berbigão. A eliminação lenta de B1 e dcSTX comparativamente à eliminação das outras PSTs sugere que o sargo apresenta um mecanismo de eliminação específico. Tendo em conta que ambas as toxinas foram igualmente dominantes no perfil de toxinas do carapau naturalmente contaminado, é possível extrapolar-se que uma eliminação específica destas toxinas possa ocorrer em várias espécies de peixes.

Na costa portuguesa, as contaminações de bivalves por AST ocorrem maioritariamente nos meses de Verão, embora fenómenos ocasionais possam ocorrer entre Fevereiro e Agosto. Os espécimes de carapau capturados na costa noroeste e sul portuguesa durante Setembro de 2009 e Março de 2010 não apresentaram DA nos seus tecidos. Esta ausência da toxina pode significar que as presas do carapau não estiveram expostas a DA. Contudo, em todos os espécimes de polvo capturados entre Setembro e Novembro de 2009, na costa noroeste, foi detectado DA na glândula digestiva. Este resultado demonstrou, pela primeira vez, que os polvos acumulam DA durante períodos de ausência das algas produtoras. O que não era previsto, pois sendo o DA um composto hidrofílico e o polvo um organismo com elevada taxa metabólica, a toxina deveria ser rapidamente eliminada. Além disso, após o fraccionamento da glândula digestiva verifica-se que a grande parte do DA se encontra livre no citosol. O que implica um mecanismo de retenção de DA na glândula digestiva do polvo e/ou uma ligação a uma proteína, como previamente verificado para um toxina quimicamente semelhante ao DA.

Resumo

Em síntese, nos presentes estudos verificou - se que os consumidores secundários podem conter PST e AST nos seus tecidos digestivos após se alimentarem de presas contaminadas. O que incrementa a necessidade de avaliar a dinâmica de transferência, acumulação e eliminação destas toxinas na cadeia alimentar, pois a presença de toxinas nos recursos marinhos pode desencadear distúrbios ecológicos no ecossistema marinho e a mortalidade nos predadores de topo (mamíferos e aves marinhas). Além disso, devido ao elevado valor comercial de algumas das espécies em causa, um risco para a saúde pública pode estar subjacente.

Palavras-chave

Toxinas marinhas, peixes, cefalópodes, tecidos gastrointestinais, glândula digestiva

Abstract

_____

Paralytic and amnesic shellfish toxins can enter in the marine trophic chain by filter-feeding and benthic organisms. Then due to trophic interrelationships the toxins are transferred to theirs predators. In the last instance, top predators (marine mammals and sea birds) can be intoxicated after fed on primary and secondary consumers.

The wild horse mackerel (*Trachurus trachurus*) was collected in NW and S Portuguese coast between September of 2009 and March of 2010. The results show for the first time that horse mackerel can accumulate high concentrations of PSTs in theirs gastrointestinal tract. Which increased the requirement of evaluated the dynamics of accumulation and elimination of PSTs in secondary consumer fish.

Thus aquaculture fishes, white sea breams, were fed with toxin-contaminated cockles. After 5 days of toxin exposure, the fishes were fed with non toxic cockles during 10 days. In this feeding experiment, an increasing of toxin concentration over the exposure period was noticed in the fish gastrointestinal tract. B1 and dcSTX were the only toxins continuously detected during the exposure/elimination period, which reveal a slower elimination than the others PSTs. These two PSTs were also the main toxins in the mackerel toxin profile, which may suggest a specific PSTs elimination by fish species.

Although AST were not detected in any mackerel specimen, in octopus (*Octopus vulgaris*) specimens captured in the same fishing area, domoic acid (DA) was detected in the digestive glands. This accumulation of DA in the octopus was previously identified. However this is the first time that DA was detected during periods of absence

of ASP events. Plus DA was predominantly found in the cytosol which increased the evidence of a retention mechanism. Since DA as a hydrophilic compound should be easily release.

This thesis supplies relevant data to the growing knowledge on the dynamics of accumulation and elimination of PSTs and AST in secondary consumers and on the toxin transfer in the marine food web.

Key words
Marine toxins, fishes, cephalopods, gastrointestinal tissues, digestive gland

1.Introduction

_____

1.1. Harmful algal blooms: causes, impacts and detection

Phytoplankton are crucial to marine and freshwater ecosystems. They play a critical role in the trophic chain, being the most important biomass producer. Blooms of phytoplankton are increasingly frequent in marine, brackish and fresh water environments. They occur in the upper layer of water - the epipelagic zone- which is rich in oxygen, penetrated by sunlight, and warmer than water at lower levels. Blooms reveal a season dependency, which is mainly determined by seawater temperature and sunlight. The hydrographic conditions are also relevant, especially the presence of a thermocline, which is indirectly influenced by windforce, turbulency in the water and by climatological events such as the North Atlantic Oscillation (NAO). The amount of nutrients in seawater also needs to be adequate to fulfil the requirements of the organisms, which can be provided by the nutrient- rich waters from upwelling and freshwater runoff. Although algal blooms are natural phenomena, it's current increasing in frequency and geographic distribution can be attributed to anthropogenic activities such as fertilisers, discharge of human waste and ballast waters (Masó and Garcés, 2006).

When these phytoplankton blooms includes species capable to produce toxic substances, or that are noxious or even promoting a nuisance impact in other aquatic organisms, they are named as Harmful Algal Blooms (HAB) (Smayda, 1997). Of the 4000 of marine planktonic microalgae species, just 200 can be harmful, and of these,

only around 80 (mainly dinoflagellates) have the potential to produce toxins (Smayda and Reynolds, 2003).

Filter-feeding organisms such as shellfish can accumulate high levels of marine toxins and cause severe human poisonings. In Portugal, a regular monitoring programme for marine toxins was implemented in 1986 (Sampayo et al., 1997). The main objective of the monitoring program is the public health protection through supporting the quality control of the marine products from fishery and aquaculture.

Marine toxins are functionally categorized according to their clinical symptoms, namely neurological or hepatic. In Portugal, the main toxins causing neurological symptoms are responsible for the human syndromes Paralytic Shellfish Poisoning (PSP) and Amnesic Shellfish Poisoning (ASP).

1.2. Paralytic Shellfish Poisoning

Paralytic Shellfish Poisoning (PSP) is a human illness that typically results from the consumption of shellfish that have been exposed to the toxigenic dinoflagellates *Alexandrium* spp, *Gymnodinium catenatum* or *Pyrodinium bahamense* (Shumway, 1990). These plankton species are known producers of paralytic shellfish toxins (PSTs). Their mode of action involves reversible and highly specific block of ion transport by the sodium channel and then confine signal transmission between excitable membranes (nerve and muscle fibers) (Narahashi, 1988; Easthaugh and Shepherd, 1989). Therefore

muscle paralysis death and cardio- respiratory arrest are the last effects in mammals (Price et al., 1991).
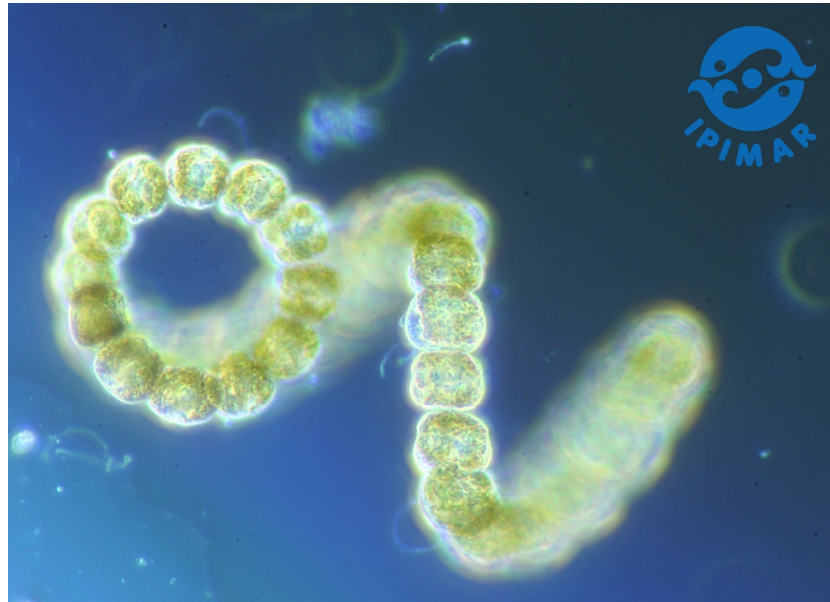
Fig. 1.1 *Gymnodinium catenatum*
(Adapt from National Institute of Fisheries and Sea Research – IPIMAR)

Saxitoxin (STX) is the main PST, but at least 24 analogues have been identified (Etheridge, 2010). They differ in chemical structure and toxicity, and can be grouped into three classes in increasing order of toxicity: *N*-sulfocarbamoyl (B1, B2, C1-C4), decarbamoyl (dcGTX1- dcGTX4, dcNeo, dcSTX) and carbamoyl toxins (GTX1-GTX4, Neo, STX) (Oshima et al., 1993).

Each phytoplankton species has its specific toxin composition, which can even vary with geographic region and environmental factors (Etheridge and Roesler, 2005). In Portugal, *G. catenatum* is the main PST producer (Fig. 1.1). This species has been

recurrently responsible for shellfish closures to harvesting since 2005, when the first evident bloom occurred after a 10 year break period (Moita et al., 2005).

The toxin composition of *G. catenatum* is mostly constituted by *N*-sulfocarbamoyl and decarbamoyl toxins (Negri et al., 2007). This toxin profile is also detected in marine fauna exposed to *G. catenatum* blooms. Nevertheless changes in toxin profiles are expect to occur due to inter-specific differences in PSTs accumulation, biotransformation and elimination (Bricelj and Shumway, 1998). Considering that these processes occur simultaneously and the toxin composition can vary greatly among species and time, it becomes clear that predicting accumulation of PSTs is a complex task.

1.3. Amnesic Shellfish Poisoning

Human consumption of shellfish contaminated with domoic acid results in the Amnesic Shellfish Poisoning (ASP). Domoic acid is a heat-stable amino acid that is structurally similar to the excitatory neurotransmitter glutamic acid and the excitatory neurotoxin kainic acid. DA has a much stronger receptor affinity, being 3 times more potent than kainic acid and up to 100 more potent than glutamic acid (Todd, 1993). This structural similarity allows the binding to glutamate receptors in the central nervous system causing neurones' depolarization, depletion of energy, neuronal swelling and cell death (Berman and Murray, 1997, Debonnel et al., 1989).

The first documented case of ASP occurred in 1987, when three people died and more than 100 became ill after eating mussels from Prince Edward Island, Canada (Bates et al., 1998). The victims revealed neurological symptoms such as confusion, nausea and selective short- term memory loss (Todd, 1993). DA was then found to be produced by the marine pennate diatom *Pseudo- nitzschia multiserries* (Bates et al., 1989). The *Pseudo-nitzschia australis* is the main DA producer in the Portuguese coast with their blooms highly associated to upwelling events that occur during spring and summer (Costa and Garrido, 2004, Palma et al., 2010) (Fig. 1.2 a, b, c).
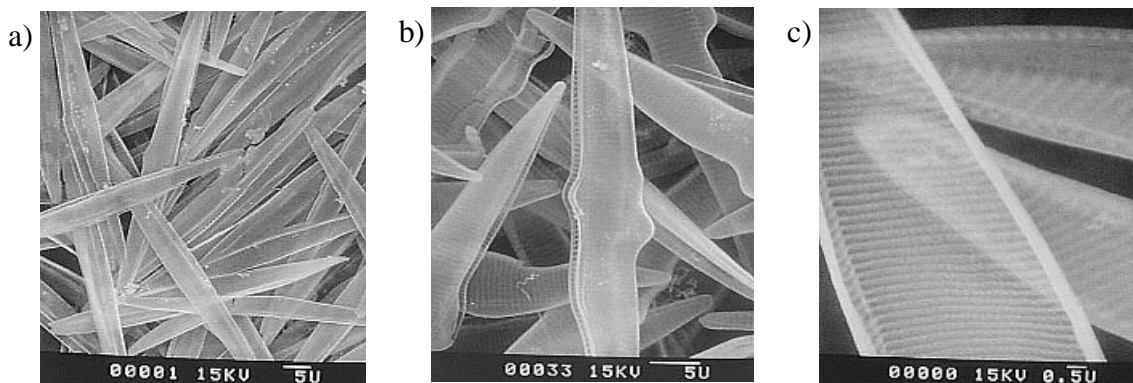
Fig. 1.2 *Pseudo-nitzschia australis*; a) 1 400x; b) 2 800x; c) 10 000x
(Adapt from Phycologycal Society of America)

1.4. Marine toxins in the food chain

Marine toxins can enter in the marine food chain by bivalve molluscs and other primary consumers such as zooplankton and planktivorous fish (Bargu et al., 2002; Costa and Garrido, 2004). Due to trophic interrelationships the marine toxins (domoic acid and saxitoxins) can be transferred to theirs predators. High toxin concentrations have been

found in crabs and cephalopods whose diet is mostly constituted by shellfish and small pelagic and benthic fish (Costa et al., 2003; Costa et al., 2004). Subsequently through consumption of primary and secondary consumers, top predators can be intoxicated (Fig. 1.3). This could result in toxic episodes with massive deaths of marine mammals and sea birds (Sierra-Beltran et al., 1997; Scholin et al., 2000).

Toxin transference through the food chain may be similar between the several marine toxins. However the toxin-producing diatoms, due to its morphology, have a propensity to become less buoyant and to sink on the sediment, and thus providing benthic pathways for contamination of soft bottom dwelling invertebrates (Trainer et al., 2000; Costa et al., 2005). Contamination of the marine food web and acute intoxications of top predators may promote changes on the ecosystem stability. Besides the sporadic highly toxic episodes, organisms are seasonally exposed to small doses of marine toxins without apparent harm. Nevertheless, little is known regarding the chronic exposure of wild populations to marine toxins.

There is a growing concern on the transfer of DA and PSTs through the marine food web. They can reach several groups of animals and hence pose potential risks to ecosystem stability.
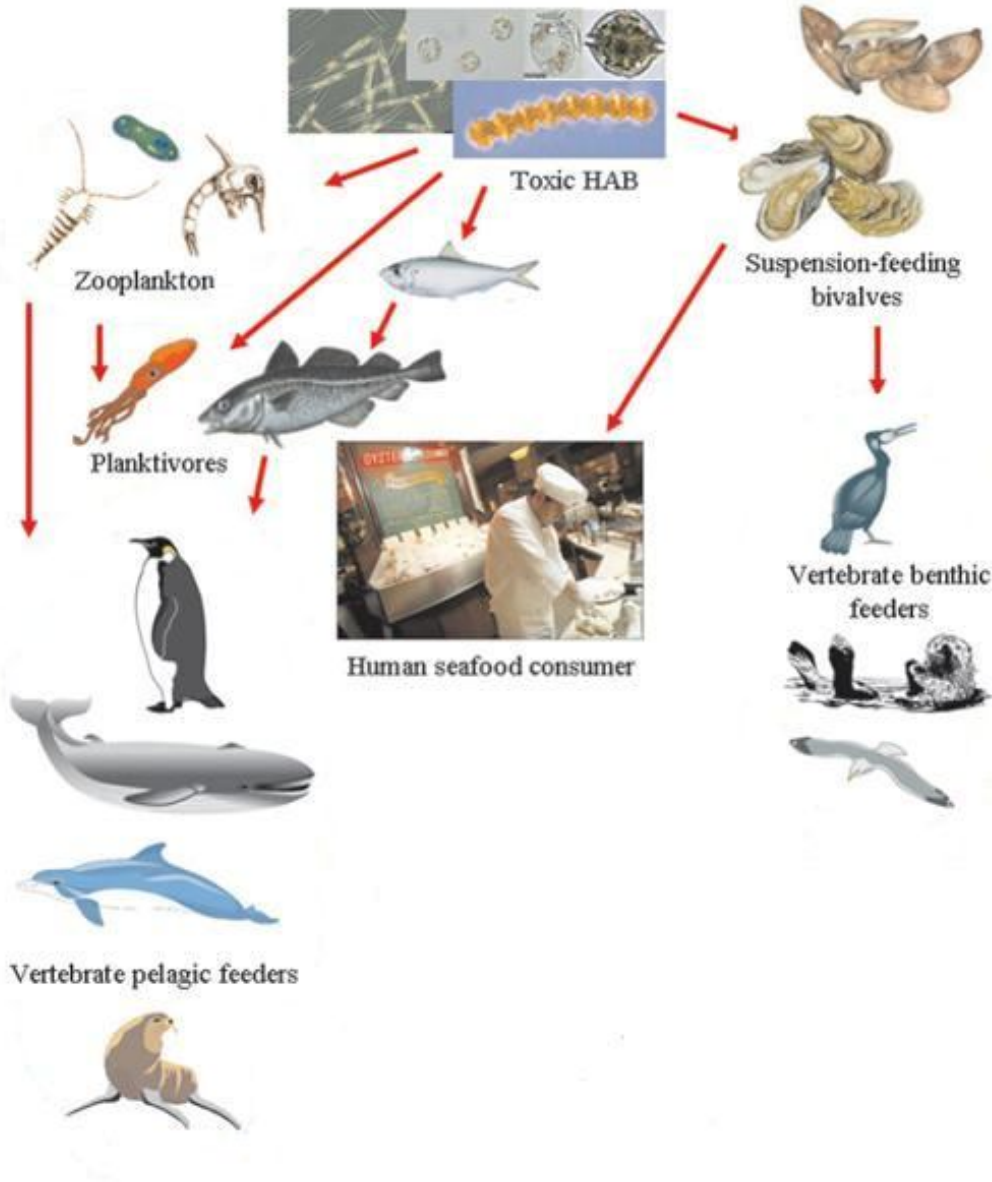
Fig. 1.3 Toxins transfer in the marine trophic chain
(Adapt from National Oceanic and Atmospheric Administration Center)

1.5. Objectives

PSP and ASP outbreaks result from the consumption of toxin-contaminated shellfish. Those vector species that are edible and have economic interests are the most studied. However the recent identification of more marine species as vectors of PSTs and of DA, stresses the ecological importance of evaluating the impacts of harmful algal blooms on wildlife resources and on the food webs that support them. Baseline measurements of toxin occurrence in fish and cephalopods, studies on toxin kinetics of accumulation and depuration, and knowledge of toxin tissue distribution and its biotransformation are important for understanding the transfer of marine toxins in the food web.

Hence, the main objectives of this thesis are:

i) To study the temporal variability of PSTs and DA in fish collected from NW and S Portuguese coast (Chapter 2)

ii) To assess the uptake, distribution and elimination of PSTs in fish orally exposed to marine toxins under controlled conditions (Chapter 3)

iii) To study the accumulation and the sub-cellular distribution of domoic acid in octopus during periods of toxin absence in the environment (Chapter 4)

2. Temporal variability of Paralytic and Amnesic Shellfish Toxins in horse mackerel (*Trachurus trachurus*)

_____

2.1. Introduction

Paralytic Shellfish Toxins (PST) and Amnesic Shellfish Toxins (AST) are the most common neurotoxins produced by marine microalgae in the Portuguese coast. PSTs originating from blooms of the dinoflagellates *Alexandrium minutum* or *Gymnodinium catenatum* occurred since the 1940s in the NW Portuguese coast (Franca and Almeida, 1989) (Fig. 2.1). However, after 1995 neither the PSTs were detected in shellfish, nor evident blooms of toxigenic species were observed in seawater. By 2005, the first bloom of *G. catenatum* seen in 10 years occurred.
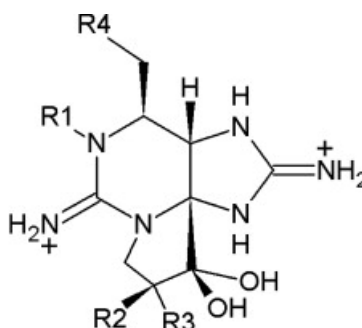
R1	R2	R3	Carbamate Toxins	Decarbamoyl Toxins	N-Sulfocarbamoyl Toxins
H	H	H	STX	dc-STX	B1
OH	H	H	NEO	dc-NEO	B2
OH	H	OSO_3^-	GTX 1	dc-GTX 1	C3
H	H	OSO_3^-	GTX 2	dc-GTX 2	C1
H	OSO_3^-	H	GTX 3	dc-GTX 3	C2
OH	OSO_3^-	H	GTX 4	dc-GTX 4	C4

Fig. 2.1 Molecular structure of Paralytic shellfish toxins
(Adapt from Etheridge, 2010)

Domoic acid (DA), which is the main AST, was detected for the first time in shellfish of the Portuguese coast in 1995 (Sampayo et al., 1997) (Fig. 2.2). The *Pseudo-nitzschia australis* was identified as the dominant diatom species responsible for DA production in this coast, when high cell densities (> $7x10^6$ cells g^{-1}) were found in the stomach content of contaminated planktivorous fish (Costa and Garrido, 2004). The presence of neurotoxins in Portuguese coastal waters is therefore a relative recent reported phenomenon.
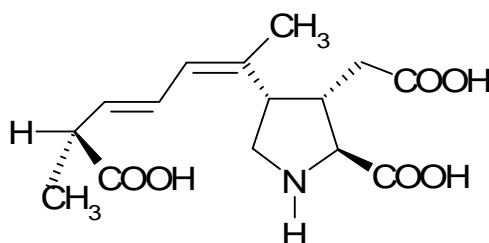
Fig. 2.2 Molecular structure of domoic acid

By consuming toxic algae, filter-feeding and planktivorous organisms, such as sardines, may accumulate high toxin levels and act as vectors to their predators. There are several reports of acute toxic episodes that have conducted to massive fish-kills (White, 1981; 1984; Saito et al., 1985; Montoya et al., 1996) and even to the mortality of sea birds and marine mammals after ingestion of contaminated fish (Geraci et al., 1989; Lefebvre et al., 1999; Scholin et al., 2000). Moreover, little is known on the dynamics of accumulation and elimination of marine toxins in fish and on toxins biokinetics via trophic transfer to fish.

Sardine (*Sardina pilchardus*) and horse mackerel (*Trachurus trachurus*) are, in terms of abundance, important fish species of the Portuguese waters. Sardines have been found to ingest high amounts of *Pseudo-nitzschia* diatoms and their use as sentinels of

phytoplankton blooms occurring offshore has been suggested (Costa and Garrido 2004). Horse mackerel is not a filter-feeder but a secondary consumer. They have a central position in the trophic chain. Their diet is mainly composed by teleosts, cephalopods, larger decapod crustaceans and smaller crustaceans such as copepods, mysids, and euphausiids (Cabral and Murta, 2002). They are in turn, important food items to bony fishes, rays, seals and sea lions (Castley et al., 1991; Ebert, 1991; Silva, 1999).

The goal of this study is to assess the temporal and spatial variability of PST and AST in a secondary consumer, such as the horse mackerel. For this purpose fish samples were obtained between September 2009 to March 2010 in the fishing areas of Peniche (NW Portuguese coast) and Portimão (S Portuguese coast), where seasonal blooms of *Pseudo-nitzschia australis* and *Gymnodinum catenatum* have been reported (Moita et al., 1998; Costa and Garrido, 2004) .

2.2. Methods

2.2.1 *Collection and Preparation of Horse mackerel samples*

Horse mackerel (*Trachurus trachurus*) were fortnightly captured in the NW and S Portuguese coast (Peniche and Portimão, respectively) between September of 2009 and March of 2010.

The specimens were measured, weighted and dissected. Each composite sample was constituted by tissues from the gastrointestinal tract of three fish specimens of the same length class. Samples were homogenized and stored at – 20 ºC for toxin analysis.

2.2.2 *Toxin extraction and HPLC analysis*

2.2.2.1 *Paralytic Shellfish Toxins*

The frozen samples were thawed at room temperature and 5g homogenized with acetic acid 1%. Toxins were heat extracted in boiling water for 5 min and centrifuged at 3500 x *g* for 15 min. One millilitre of the supernatant was transferred to pre-conditioned Supelco LC18 cartridges, for purification. Afterwards a peroxide and periodate oxidation was carried out and the non-hydroxylated toxins (STX, C1+2, B1, dcSTX, GTX2+3, dcGTX2+3) quantified by high performance liquid chromatography with fluorescence detection (HPLC–FLD). An additional purification with a SPE ion exchange cartridges with caraboxylic acidsiliane (COOH) bonded to silica gel (Bakerbond COOH, 3mL, J. T. Baker, USA) were applied to the samples containing N-1-hydroxylated PST (Neo, dcNeo, GTX1+4, C3+4 and B2).

PST oxidation products were separated using a reversed-phase Supelcosil LC-18, 15 x 4.6, 5 µm column (Supelco, USA). The mobile phase gradient consisted of 0–5% B (0.1 M) ammonium formate in 5% acetonitrile, (pH = 6) in the first 5 min, 5–70% B for the next 4 min and back to 0% B in the next 2 min. Subsequently 100% mobile phase A (0.1 M ammonium formate, pH = 6) was used for 3 mim before next injection. Flow rate was 1 mL/ min and detection wavelength was set to 340 nm for excitation and 395 nm for emission. The equipment consisted of a Hewlett– Packard/Agilent Model 1050 quaternary pump, Model 1100 in-line degasser, autosampler, column oven, and Model 1200 fluorescence detector. The limits of detection (LOD) ranged from 0.07 ng STX equiv. g^{-1} for C1+2 and B1 to 4 ng STX equiv. g^{-1} for dcNeo. The toxicity factors stated

in the ''Supplemental Information for PSP toxins CRMs" were used for calculation of PSTs in terms of saxitoxin dihydrochloride equivalents (Quilliam, 2007). The above units were chosen to express PSTs concentrations in the fish matrices.

All solvents and chemical reagents were HPLC or analytical grade. Certified calibration solutions for PSTs were obtained from the Certified Reference Materials Program of the Institute for Marine Biosciences, National Research Council, Canada (CRM-STX-e, CRM-GTX2&3-b, CRM-dcSTX, CRM-dcGTX2&3, CRM-GTX5-b (B1) and CRM-C1&2).

2.2.2.2 *Amnesic Shellfish Toxin*

A 4 g aliquot of homogenate was extracted with 50% MeOH (ratio 1:4, v/v). After 10 min of centrifugation at 2200 x *g*, five millilitres of the supernatant was transferred to SAX cartridges, washed with 50% MeOH and eluted with Formic acid 0.1M, for purification (Quilliam et al., 1995). Afterwards the sample was filtered into a screw-cap autosampler vial with a nylon (0.22 µm) disposable syringe filter. The soluble fraction, after filtered was injected into the HPLC system.

Liquid chromatography (LC) was performed on a Hewlett-Packard (HP) model 1100, equipped with in-line degasser, quaternary pump, autosampler, oven and diode-array detector (DAD); data collection and treatment of the results were performed by the HP 'Chemstation' software. The column used was a Nucleosil 100-5C-18 (125 x 3 mm, 5 µm), with a guard-column (4 x 4 mm, 5 µm), both heated to 40 ºC. The flow rate was set at 0.45 ml min^{-1} of acetonitrile: 0.1% formic acid (10:90, v/v) throughout the run.

The injection volume was 5 μL, and the analysis time was set at 10 min. Detection wavelength was set at 242 nm with a 10 nm bandwidth, and reference wavelength was set at 450 nm with a 100 nm bandwidth. Calibration was performed with a full set of calibration standards of DA (0.5, 2, 4 and 10 μg mL^{-1}). Under these conditions the detection limit was 0.06 μg mL^{-1}, which corresponded to 0.3 μg g^{-1} in tissue.

Solvents used for the HPLC analysis were methanol, acetonitrile and formic acid of LC grade supplied by Merck. Certified DA standard was purchased from the National Research Council of Canada (NRC).

2.3.   Results

Paralytic Shellfish Toxins (PST) were found in the gastrointestinal tract of horse mackerel (201.6 ± 30.9 g of body weight and 28.7 ± 1.5 cm of total length) captured in NW Portuguese coast in September of 2009. Toxin concentrations ranging from 110 to 4700 μg STXeq.kg^{-1} were determined (Fig. 2.3). However PSTs were not detected in any specimen from the following months, neither in any specimen collected in S Portuguese coast.
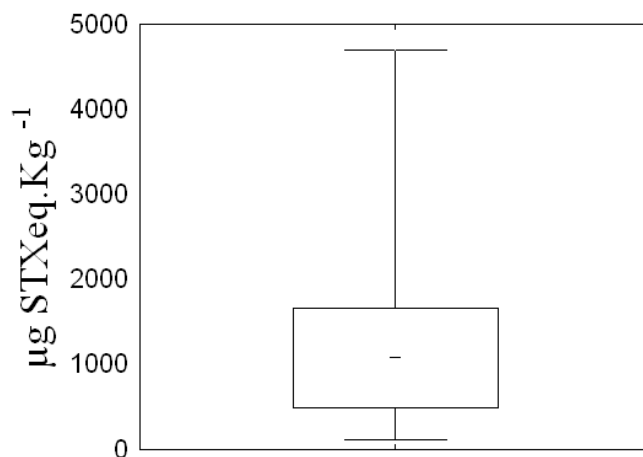
Fig.2.3 PSTs concentration (μg STXeq. Kg^{-1}) in the gastrointestinal tract (median, 25 and 75 quartiles, minimum and maximum, total *n* = 33) of *Trachurus trachurus* captured in Septmber-2009.

The typical HPLC profiles of samples of the gastrointestinal tract (1:10 dilution) from September-2009 are illustrated in the chromatogram shown in figure 2.4a. This chromatogram demonstrates that the retention times of the peaks identified as C1+2, dcSTX and B1 match with the peaks of the chromatogram of the certified PST standard mixture (Fig.2.4b).
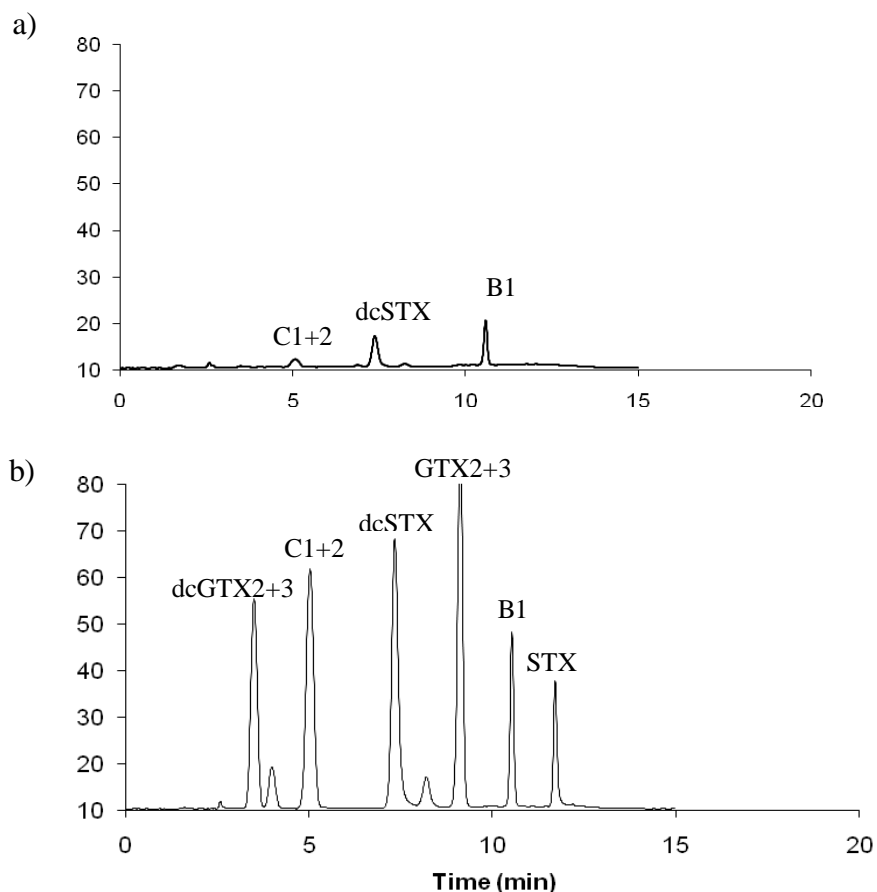
Fig.2.4 HPLC-FLD chromatograms of (a) Fish tissues homogenate (1:10 dilution) (b) PSTs standard solution

The toxin composition of the fish was mainly composed by dcSTX and B1, with molar ratios of 56.2% and 31.1% respectively, (Fig.2.5). The minor toxins were C1+2 (5.4%), dcGTX2+3(5.1%), GTX2+3 (0.1%) and STX (0.3%). After the periodate oxidation peaks matching with the retention times of the N-1-hydroxylated B2 and C3+4 were

also detected. Nevertheless its presence was not confirmed since there are not standards for these PST analogues.
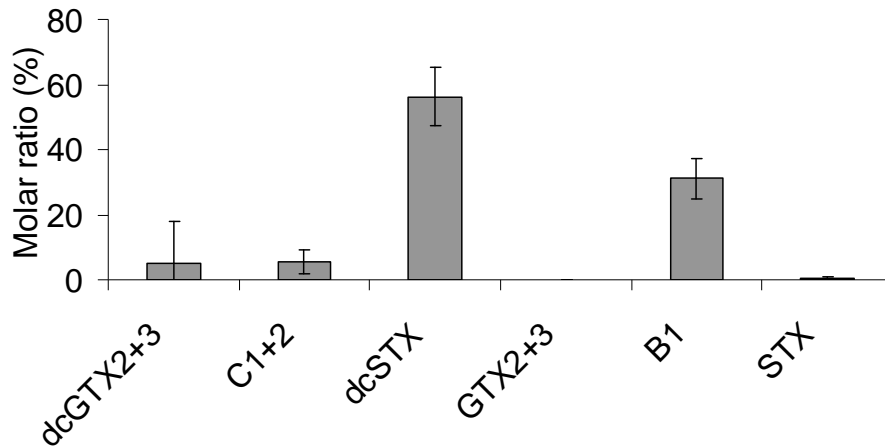
Fig.2.5 Toxin composition profile of *Trachurus trachurus* captured in September - 2009

Amnesic shellfish toxin (AST) was not reported in any fish sample from NW and S Portuguese coast between September of 2009 and March of 2010. A typical chromatogram of horse mackerel matrices and a chromatogram of domoic acid in a calibration standard were showed in figure 2.6 a, b.
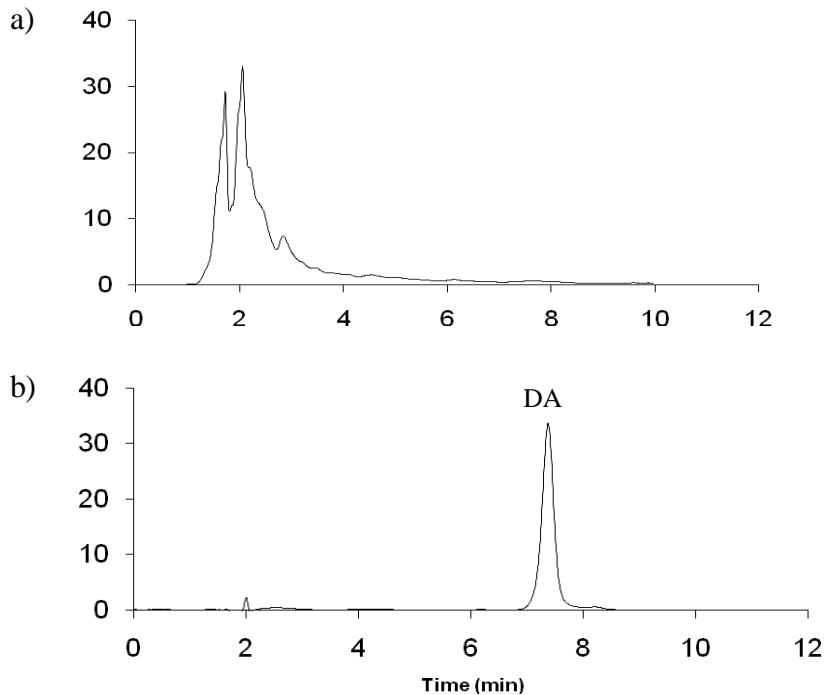
Fig.2.6 HPLC - UV chromatograms of (a) Fish tissues homogenate (b) DA standard solution

2.4. Discussion

The occurrence of paralytic and amnesic shellfish toxins (PST and AST) in the digestive tissues of planktivorous fish has been reported by several studies (e.g. White, 1981; Montoya et al., 1998; Lefebvre et al., 1999, Costa and Garrido, 2004). However the horse mackerel is a carnivorous fish which its capacity for accumulate PST and AST was never been studied before.

In the present work, high concentrations of PSTs were detected in the gastrointestinal tract of horse mackerel captured in the NW Portuguese coast. However only the specimens collected in September of 2009 were contaminated, which can be due to the seasonality of the *G. catenatum* blooms. Since these events are almost confined to summer (Moita et al., 2003) which match with the season of horse mackerel intense feeding (Garrido et al., 2008; Cabral and Murta, 2002).

The continuous feeding in contaminated preys can also suggested that mackerel specimens were not neurological affected by PSTs, which indicates that toxins are not easily absorbed from the gastrointestinal tract and subsequently do not reach excitable membranes. The high amounts of PSTs in the mackerel gastrointestinal tract would increment toxin transfer to piscivorous organisms and then could lead to the mortality of top predators, which are sensitive to PSTs.

A previous study with Atlantic mackerel (*Scomber scombrus*) suggested that fish can retain PST year-round and progressively exhibit a cumulative toxicity with the fish aging (Castonguay et al., 1997). However, our data do not support those findings. After the high levels determined in September, no PSTs were detected in samples captured 15

days later. In fact, PSTs are water-soluble molecules that can be easily excreted from fish tissues.

Samples from the S Portuguese coast were toxin free. This can be due to an absence of *G. catenatum* blooms and subsequently a toxin clearance of the fish preys during the sampling dates.

Although the fish PST profile was composed by several PST analogues (dcSTX, B1, C1+2, dcGTX2+3, GTX2+3, STX, B2, C3+4), dcSTX and B1 were the main toxins comprising 87.3% of the toxin composition. By comparing this PST profile with the profile of *G. catenatum* described in the literature (Ordás et al., 2004; Negri et al., 2007), several differences in the toxin proportions are noticed. Since in the Portuguese coast the *G. catenatum* PST profile is mainly composed by C1+2 and B1, being dcSTX a minor toxin. In several organisms the change of the ingested toxin profile has been related with specific accumulation, elimination and/or biotransformation mechanisms (e.g. Cembella et al., 1994; Bricelj and Shumway, 1998). This may have also occurred in the horse mackerel and /or in its preys.

AST were not detected in any of the fish samples from NW and S Portuguese coast, which can be due to absence of blooms of *Pseudo-nitzschia* spp. .

This is the first report of PST occurrence in the horse mackerel. The restricted time period of contamination suggests a high linkage with the PST events and the absence of toxin retention mechanisms. However the high toxin concentration values detected in the fish samples increase the probability of becoming potential PST vectors.

In conclusion, the present data are the first step for evaluate PST and AST temporal variability in horse mackerel and subsequently a relevant contribution for the growing knowledge on toxins route in the marine trophic chain.

3. Uptake and elimination of Paralytic Shellfish Toxins in fish exposed to toxin – contaminated cockles

_____

3.1. Introduction

Most humans who experience Paralytic Shellfish Poisoning (PSP) have consumed toxic bivalves but occasionally, non traditional vectors such as toxic gastropods, crustaceans and fish are implicated (Deeds et al., 2008). Large-scale mortalities of marine fauna are also occasionally associated with harmful algal blooms (Landsberg, 2002). Fish have been shown to be impacted by Paralytic Shellfish Toxins (PSTs) and fish kills associated with PST-producing dinoflagellates have been reported in several regions (White, 1981; 1984; Montoya et al., 1996; Sephton et al., 2007). Fish can accumulate PSTs by direct ingestion of toxic phytoplankton, by the consumption of zooplanktonic organisms that have fed on toxic algae or by consumption of other secondary consumers that have been indirectly exposed to toxins. Mortality of aquaculture salmons during blooms of PST- producing dinoflagellate have also been reported (Cembella et al., 2002)

In addition to highly visible toxic events in fish, such as those described above involving mass mortalities, fish can accumulate PSTs without outward signs of toxicity. Under these conditions, fish can play a vectorial role and spread PSTs to piscivorous predators, leading to poisoning events in top predators such as marine mammals (Geraci et al., 1989; Castonguay et al., 1997; Reyero et al., 1999).

At least 24 compounds have been identified as PSTs (see Chapter 2). The most common PSTs can be divided in three groups of increasing toxicity as follows: N-sulfocarbamoyl (B1, B2, C1-C4), decarbamoyl (dcGTX1- dcGTX4, dcNeo, dcSTX) and carbamoyl toxins (GTX1- GTX4, Neo, STX). Each toxigenic dinoflagellate species has its characteristic toxin profile. While the toxin composition of *Alexandrium* species are usually constituted by carbamoyl toxins, the N-sulfocarbamoyl and the decarbamoyl toxins are dominant in the *Gymnodinum catenatum* from the Portuguese and Galician coast (Ordás et al., 2004; Negri et al., 2007). Organisms feeding on *G. catenatum* may initially present a very similar toxin profile to the toxigenic plankton. However, inter-specific differences on accumulation, metabolism and elimination lead to changes in the toxin profiles (e.g. Bricelj et al., 1991). In certain cases, the less potent PSTs (N-sulfocarbamoyl toxins) have been reported to convert into its more potent analogues (carbamoyl toxins), which increases the potential toxicity to humans (Cembella et al., 1994). Different toxin profiles including different toxin composition have been determined in fish tissues and in its preys (Montoya et al., 1996; Kwong et al., 2006).

Considering the high levels of PSTs found in fish caught in the Portuguese coast (Chapter 2) and their important position in the trophic chain, studies characterizing the PST kinetics into the fish body are required. This work aims to quantify the accumulation, transformation and elimination of the main PSTs, occurring in the Portuguese coast, in a juvenile white sea bream (*Diplodus sargus sargus)* orally exposed to toxin-contaminated cockles (*Cerastoderma edule*) under controlled conditions. This fish species was selected because its life cycle is completely known and dominated in marine aquaculture and bivalve molluscs arise in its natural diet (Leitão et al., 2007; Osman and Mahmoud, 2009).

3.2 Methods

3.2.1   Preparation of toxic diet

Cockles *Cerastoderma edule* were collected from a natural bed in Aveiro Lagoon (NW coast of Portugal), and checked for the presence of PSTs by means of liquid chromatography. Shellfish tissues (400 g) were dissected and stored at -30 ºC till its use in the feeding experiment.

3.2.2   Feeding experiment

Sixty juvenile white sea bream, *Diplodus sargus sargus* (37.3 ± 2.1 g of body weight and 12.9 ± 0.4 cm of total length) were divided for three tanks containing 300 L of seawater with controlled salinity, temperature and pH.

Previously to the exposure/elimination experiment, fish were fed with non toxic cockles (soft tissues) to minimize disturbance from dietary changes. The feeding experiment lasted 15 days. In the first 5 days the fish fed the toxic cockles – exposure period, and in the following 10 days its diet were constituted by non-toxic cockles – elimination period. To facilitate PSTs exposure, the fish fed roughly 3.0 % of its wet weight.

Fish were fed with cockles during the morning of each experiment day. To assure that toxic cockles were completely digested fish specimens were removed from tanks in the following morning. Fish samples were taken out for toxin analysis in each day of the exposure period, and at days 6 – 8, 10 and 15 of elimination period. At each sampling

time, two fish were arbitrarily removed from each tank for composite samples ($n = 3$). Afterwards fish were measured, weighed and dissected into two parts, viscera and muscles. Specimens were dissected cautiously and under partly defrosted conditions to minimize contamination across tissues.

3.2.3   *Toxin extraction and HPLC analysis*

Toxin extractions and high-performance liquid chromatography with fluorescent detection (HPLC-FLD) analysis were accomplished according to the Association of Official Analytical Chemists (AOAC) approved HPLC-FLD method for determination of PSTs (Lawrence et al., 2005). Details of PSTs extraction and subsequent analysis are shown in the chapter 2.

3.3 Results

3.3.1   Toxin profile of *Cerastoderma edule*

The toxin concentration, in terms of STX equivalents per kg, determined in the cockles soft tissues, was 3807 μg STXeq kg^{-1}. The toxin profile (Fig.3.1a) consisted of the following compounds in decrease order of relative abundance (molar ratio): C1+2 (83 %) > B1 (7.6 %) > dcGTX2+3 (4.8 %) > dcNeo (2.0 %) > dcSTX (1.6 %) > GTX2+3 (0.2 %) > STX (0.1%). The contribution of each PSTs for the total toxicity of the cockles in descending order are: C1+2 (65.1%) > dcGTX2+3 (14.6%) > dcNeo (8.4%) > dcSTX (6.6%) > B1 (3.9 %) > GTX2+3 (0.9%) > STX (0.5%) (Fig.3.1 b).

a)

b)
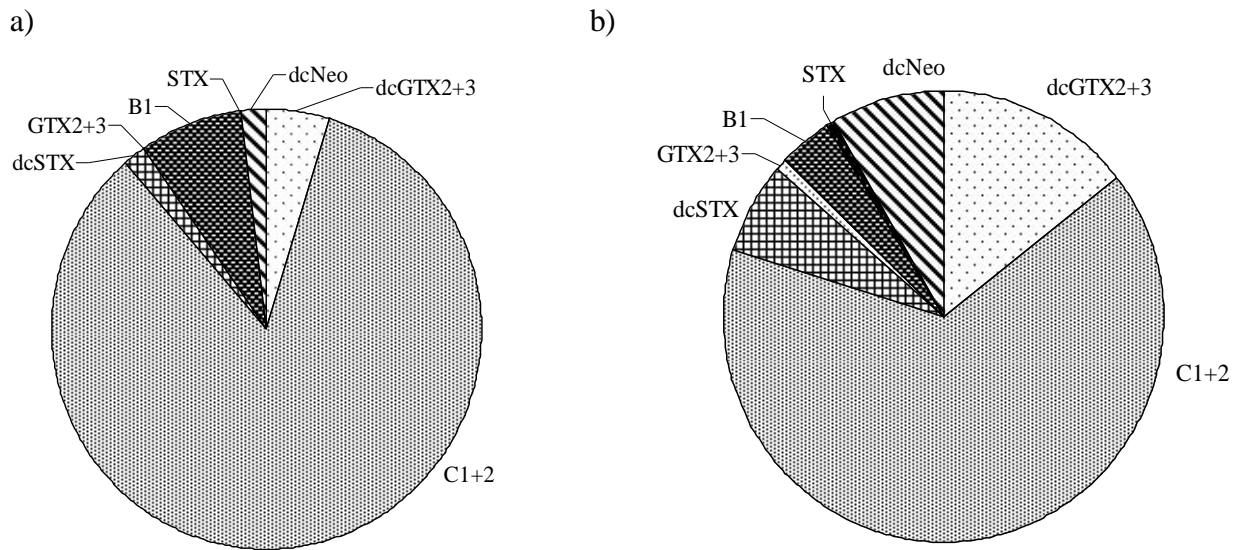
Fig.3.1 a) Toxin profile (molar ratio) of cockles (*Cerastoderma edule*) supplied to fish; b) Contribution of each PSTs to the total toxicity (3807 µg STXeq kg^{-1})

3.3.2 Accumulation and elimination of PSTs by *Diplodus sargus sargus*

Cockles soft tissues were quickly consumed by fish. The fish stomach content was empty when specimens were removed from tanks. Nevertheless, PSTs were detected in the fish viscera throughout the exposure and elimination period. Despite the high PST content in cockles, the concentrations determined in fish were low. Toxins concentration increased over time during the exposure period reaching the maximum value of 19.6 ± 8.5 µg STXeq kg^{-1} in the last day of exposure (day 5) (Fig.3.2).

Toxin concentration decreased when fish were fed non-toxic cockles. The complete elimination of PSTs was achieved at day 15.

The PST profile determined in cockles differed markedly from the profile determined in fish viscera. While 10 PST analogues were found in cockles, only B1, dcSTX and C1+2 were detected in the fish viscera. B1 and dcSTX were detected throughout the
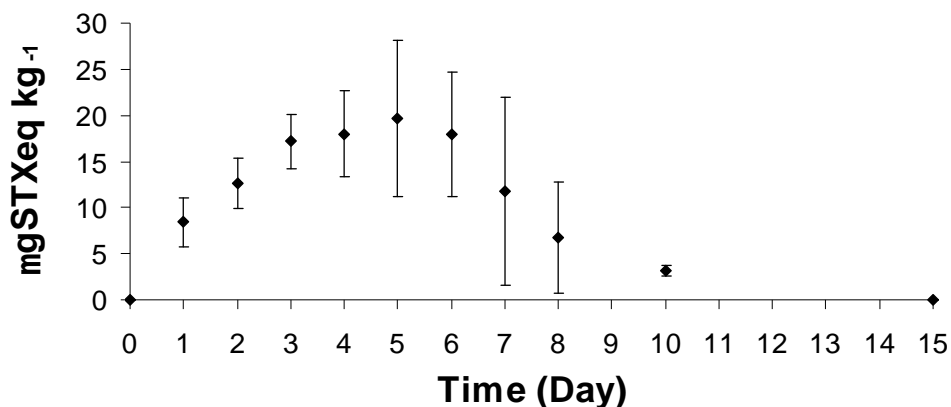
Fig.3.2 Toxicity changes in the viscera of the fish *Diplodus sargus sargus* in the whole feeding experiment (Day 1-5, exposure; Day 6-15, elimination). Mean ± S.D. ($n = 3$).

experiment. B1 was the dominant compound, reaching 45.3 ± 23.0 ng g^{-1} in the last day of exposure (Fig.3.3a). High variable B1 concentrations were determined between replicates during the exposure period. The dcSTX concentrations also increased during the exposure period reaching 23.0 ± 5.2 ng g^{-1} (Fig.3.3b). C1+2 was sporadically detected and its occurrence were restricted to the first 6 days of the experiment (Table 3.1).

B1 concentration have a remarkably decrease in the first depuration day, having approximately 40 % of the toxin been eliminated. At day 10, B1 was completely eliminated. Contrary to B1, highly variable levels of dcSTX were detected during the depuration day, and a slower elimination was observed to dcSTX. At day 8, dcSTX concentration was still 7.4 ± 6.5 ng g^{-1}. This compound was only completely eliminated in the last day of the experiment.

PSTs were not detected in fish muscle throughout the experiment.

a)

b)
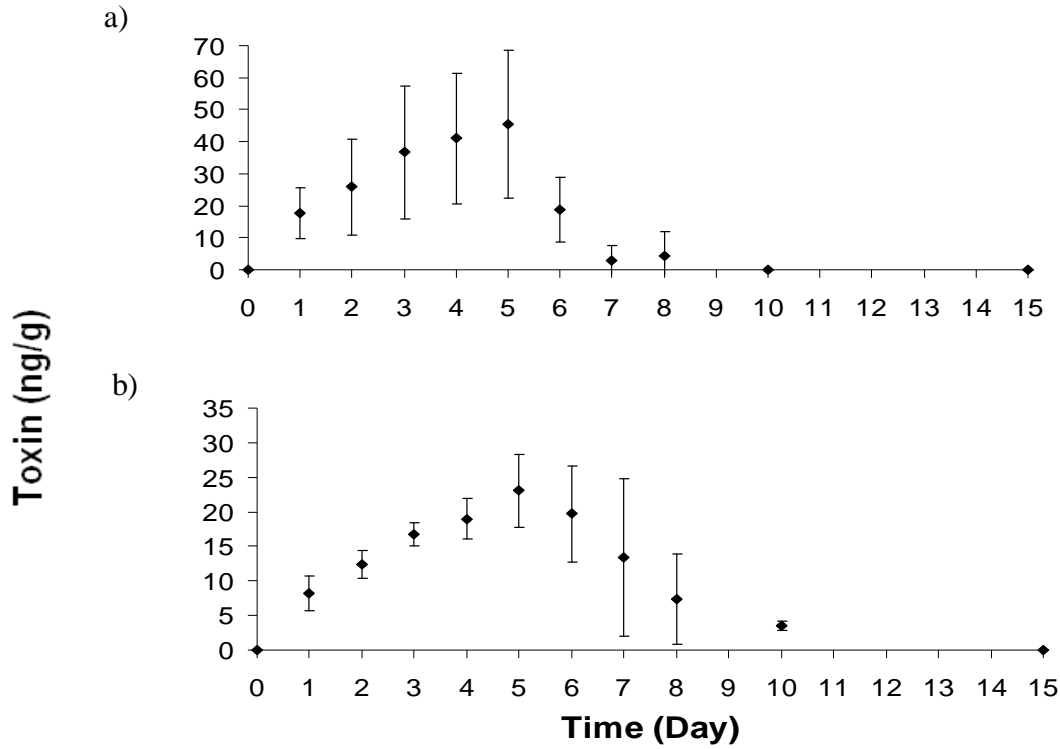
Fig.3.3 Changes in concentration of (a) B1 and (b) dcSTX in viscera of *Diplodus sargus sargus* during the whole feeding experiment (Day 1-5, exposure; Day 6-15, elimination). Mean ± S.D. ($n = 3$).

Table 3.1. Concentration of C1+2 in gastrointestinal tract of *Diplodus sargus sargus* during the whole feeding experiment (Day 1-5, exposure; Day 6-15, elimination) in each replicate (ND – not detected; NQ – not quantified).

					Concentration of C1+2 (ng/g)					
Replicates	Day1	Day2	Day3	Day4	Day5	Day6	Day7	Day8	Day10	Day15
1	102.12	82.40	204.74	ND	NQ	NQ	ND	ND	ND	ND
2	ND	ND	NQ	ND	ND	74.97	ND	ND	ND	ND
3	ND	ND	79.63	ND	119.07	ND	ND	ND	ND	ND

3.4. Discussion

The previous chapter highlighted that the fish is capable of accumulating high PSTs concentrations from their prey. The present experiment aimed to understand the uptake/elimination dynamics of PSTs in fish through dietary exposure.

While feeding on contaminated cockles, the PSTs concentration increased in fish viscera. However, the maximum concentration detected was two orders of magnitude lower than the PSTs concentration determined in the toxic dietary cockles. Fish specimens were collected for analysis in the following morning after being exposed to contaminated shellfish. Therefore, the toxin concentration detected corresponds to the remaining amount that was not eliminated. While C1+2 were the main PSTs found in cockles toxin profile, only small concentrations were detected in the fish samples. The main PSTs accumulated in the fish gastrointestinal tract were B1 and dcSTX. This result suggests that C1+2, which are the most soluble analogues of the PSTs group (Samsur et al., 2006), is rapidly excreted from fish tissues and thus contributing to the lower toxin concentration found in fish.

From the 10 compounds identified in cockles, only B1 and dcSTX showed a parallel increase of their concentration with the supply of contaminated food. On the contrary to C1+2, B1 and dcSTX are not rapidly eliminated from the gastrointestinal tract. Nevertheless, they were not found in the muscle tissue.

During the exposure period, the concentrations of B1 were consistently higher than dcSTX, which is in concordance with their proportion in cockles. Highly variable values were determined for B1, which is in contrast with the low variable values

determined for dcSTX. This result suggests that in addition to the uptake of B1 there was simultaneously a relevant elimination of this compound. When the toxic food supplied to the fishes was replaced by the non toxic cockles, B1 sharply decreased. During the first day of the depuration period, concentration of B1 decreased 40 % and by day 10 of the experiment (day 5 of depuration phase) B1 was completely eliminated. In contrast to B1, higher differences between replicates were found for dcSTX during the elimination period and not during the exposure period. These results indicate that dcSTX would be easier accumulated in fish tissues and B1 easier eliminated. In fact, dcSTX did not show an initial remarkable decrease when the non toxic diet was supplied to fishes. The complete elimination of dcSTX was only achieved in the last day of the experiment.

The uptake and elimination of PSTs is extensively studied for bivalve molluscs (Bricelj et al., 1991; Chebib et al., 1993; Bricelj and Shumway 1998). The ability to eliminate the accumulated PSTs varies markedly between species. Nevertheless, in most cases elimination patterns follow a negative exponential model (Bricelj and Shumway 1998). In our experiment, B1 followed this pattern, but not dcSTX. The uptake and elimination dynamics have been only studied recently in fish (Kwong et al., 2006). In their experiments, Kwong and colleagues found that although *N*-sulfocarbamoyl (C1+2) and carbamate (STX, neoSTX, GTX1, 2, 3 and 4) toxins were present in the prey (clams) tissues only C1+2 were detected in the fish, which suggested a possible differential accumulation or toxin degradation in the fish gut, as we noticed in the present study. The toxin concentration increase for the consecutive days of toxin exposure was also very similar. However our study presents the first data for the suite of toxins commonly found in the Portuguese and Galician coast.

This study provides relevant data for assessing the health risk of PSTs in seafood and the ecological repercussions of the fish as a toxin vector.

4. Detection and sub - cellular distribution of the Amnesic Shellfish Toxin in the digestive gland of *Octopus vulgaris* during periods of toxin absence

4.1. Introduction

Domoic acid (DA), known as the amnesic shellfish toxin, is in the Portuguese coast, mainly produced by *Pseudo-nitzschia australis* (Costa and Garrido, 2004).

Filter feeding organisms, such as mussels, concentrate high DA levels without apparent harm, which render them unsafe for human consumption. Domoic acid is a tricarboxylic aminoacid that binds irreversibly to glutamate receptor sites, causing destructive neuronal depolarisation and permanent short-term memory loss in mammals (Debonnel et al., 1989; Perl et al., 1990; Todd, 1993). For human health protection, shellfish harvesting is always banned when DA is detected above the regulatory limit of 20 µg DA g^{-1} (EU Directive 2004). In average, closures of shellfish harvesting do not last more than two weeks in the Portuguese coast (Vale et al., 2008). Domoic acid is rapidly eliminated from tissues of most shellfish species. In mussels, depuration rates of 0.49-0.99 day^{-1} and 0.40-0.58 day^{-1} have been observed for *Mytilus edulis* and *M. galloprovincialis*, respectively (Blanco et al., 2002a; Novaczeck et al., 1992). However, a small number of organisms have been shown to retain this neurotoxin for long periods of time. This is the case of the king scallop (*Pecten maximus*), sea scallop (*Placopecten*

magellanicus) and razor clam (*Siliqua patula*). Low DA depuration rates ranging from 0.004 to 0.009 day^{-1} have been reported for them (Blanco et al., 2002b; Douglas et al., 1997; Horner et al., 1993). The mechanism beneath DA retention is still unknown.

Blooms of *Pseudo-nitzschia* diatoms, which are associated to upwelling events, occur preferentially during spring and early summer in the Portuguese coast (Palma et al., 2010). Detection of DA in bivalve molluscs is usually restricted to these seasons. Although DA is traditionally searched in bivalve molluscs, accumulation of DA in organisms such as planktivorous fish, crustaceans and cephalopods have also been reported (Costa et al., 2003, 2004; Lefebvre et al., 2002). These organisms can act as DA vectors and through feeding interactions in marine food webs they can be responsible for acute intoxications of marine mammals and seabirds (e.g. Scholin et al., 2000).

The common octopus (*Octopus vulgaris*) has been shown to accumulate DA in their tissues during spring (Costa et al., 2004). The highest levels of DA were detected in the digestive gland (storage organ) followed by the branchial hearts and the kidneys (excretory organs), which suggests a route for DA elimination (Costa et al., 2004). These authors detected DA in 90 specimens caught in the NW and S Portuguese coast between February and May 2003, and suggested that as all specimens showed DA contamination, octopus may not completely eliminate this toxin as most shellfish species do.

In the present study, to test whether octopus is one of the few species with the ability to retain DA, specimens were caught between September and November 2009 for DA

analysis and compared to values determined in bivalve molluscs obtained from the same fishing area. Having consistently found DA contamination in the octopus digestive gland, the sub-cellular distribution of the toxin was investigated through a sequential centrifugation to obtain insoluble (organelles) and soluble (cytosol) fractions.

Splitting the whole is a route towards understanding. The study of association of DA in cell compartments will provide valuable information to better understand octopus low DA depuration, possible toxic effects and DA trophic availability.

4.2. Methods

4.2.1. Collection and preparation of octopus and bivalve samples

Thirty two octopus (*Octopus vulgaris*) specimens were captured in four sampling dates between September and November 2009 in Peniche, NW Portuguese coast (Table 4.1). The specimens were weighed and measured. The digestive gland was removed, gently homogenized and a 5 g aliquot was weighted separately for DA determination.

Bivalve molluscs, *Mytilus galloprovincialis,* were obtained within the national monitoring program for marine toxins. Composite samples of at least 30 individuals or 1.5 Kg were weekly collected from Peniche and fortnightly in the adjacent fishing areas. A homogenate of shellfish soft tissue was prepared according the monitoring program and stored at -20 ºC for subsequent analysis.

Table 4.1 *Octopus vulgaris*: Sampling date (2009); number of individuals (*n*); total weight (mean ± SD) and digestive gland weight (mean ± SD).

Sampling date (day- month)	N	Total weight (g)	Digestive gland weight (g)
23- Sep	9	2322 ± 308	115 ± 26
19- Oct	8	2479 ± 406	141 ± 20
27- Oct	4	2904 ± 737	111 ± 41
18- Nov	11	1433 ± 571	46 28

4.2.2. Sub-cellular fractionation

Two digestive glands of 3 different levels of DA concentrations (22.0 ± 0.5 , 15.0 ± 0.5and 10.0 ± 0.5 µg g^{-1}) were selected for sub-cellular analyses. Digestive glands were homogenized in triplicate at a dilution of 1:5 (wet weight: volume of buffer) of 0.1 M Tris pH 7.6 and 0.15 M ammonium formate buffer solution, while refrigerated by maintaining in a ice bath (Mauriz and Blanco, 2009). Homogenization was carried out during short periods of time and at low speed to minimize organelle breakage.

Fractionation of digestive glands was performed by differential centrifugation (adapted from Campbell et al., 2005; Raimundo et al., 2008). The homogenate was first fractionated at 700 x *g* for 15 min to separate the nucleus; the supernatant was centrifuged at 9000 x *g* for 20 min and 30 000 x *g* for 25 min for the mitochondrial and lysosomal fraction respectively. The last centrifugation at 100 000 x *g* for 40 min,

separated the microsomes from the supernatant cytosol. Each centrifugation was performed at 4ºC.

4.2.3. *Toxin extraction and HPLC analysis*

The protocols for DA extraction and for the subsequent analysis with high performance liquid chromatography with ultraviolet detection (HPLC-UV) were show in Chapter 2.

4.2.4. *Statistics*

After verifying the non-guassian distribution of the data, the non parametric Kruskal–Wallis test was used in order to detect differences ($p < 0.05$) of DA concentrations between sampling dates and among sub-cellular fractions (octopus digestive glands). Having demonstrated significant differences among groups (sampling dates), we applied the Mann-Whitney test to find out where those differences were.

4.3. Results

Seasonal variation of DA in mussels showed two main episodes of toxin occurrence, one in spring and a second one in summer (Fig.4.1). DA was firstly detected in February, reaching the highest concentration of 112 µg DA g^{-1} in early April. A sharp decrease to 3.1 µg DA g^{-1} was observed after two weeks. A second peak, with concentrations above the regulatory limit, was detected in July. DA was not found in mussels collected after early August. However, DA was detected in each of the 32 octopus specimens caught between September and November (Fig. 4.2).
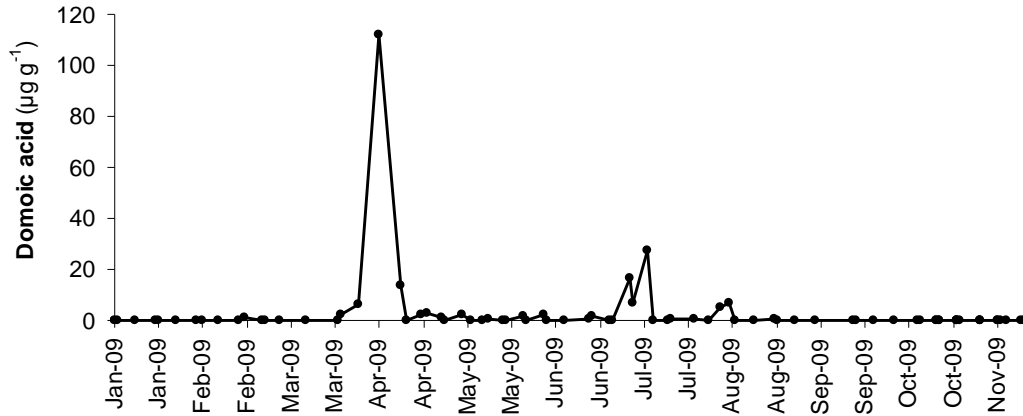
Fig.4.1 Seasonal variation of domoic acid concentration (μg g^{-1}) in mussels, *Mytilus galloprovinciallis*, collected from Peniche and adjacent fishing area (NW Portuguese coast) during January and November of 2009.
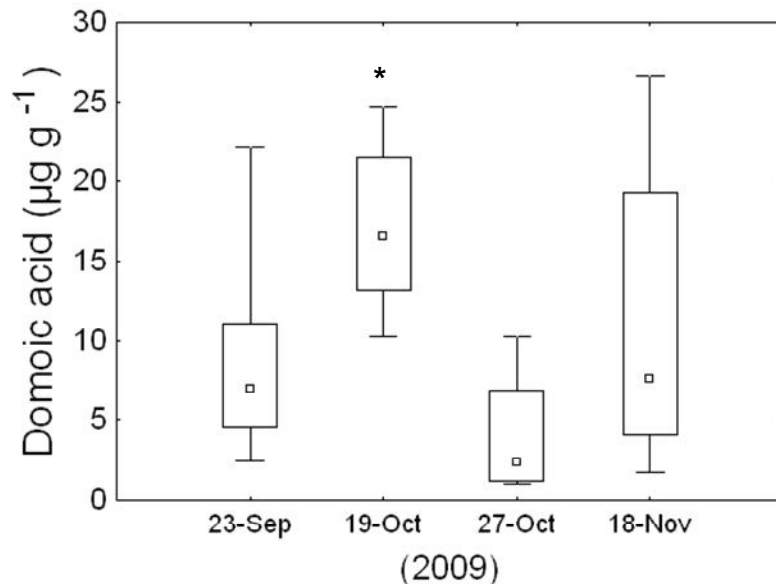
Fig. 4.2 Domoic acid concentration (μg g^{-1}) in the digestive gland (median, 25 and 75 quartiles, minimum and maximum, total *n* = 32) of *Octopus vulgaris* in 4 sampling dates (23- Sep; 19 and 27-Oct and 18 -Nov 2009). Significant differences at *p* < 0.05 are marked with *, after applying the Mann-Whitney test.

Concentration of DA determined in the digestive gland ranged from 1.0 to 26.6 μg DA g^{-1}. A high intra-specific variability of DA (CV > 75 %) was found in three of the four sampling dates. Toxin levels were significantly different between sampling dates (H_3=13,1 *p* < 0.05). Although toxin concentrations determined in specimens caught at October 19th were significantly higher than specimens caught in the remaining dates, a

decrease of toxin concentration in function of time (between September and November) was not evident. In fact, the highest DA concentration was determined for a specimens caught in November (Fig 4.2).
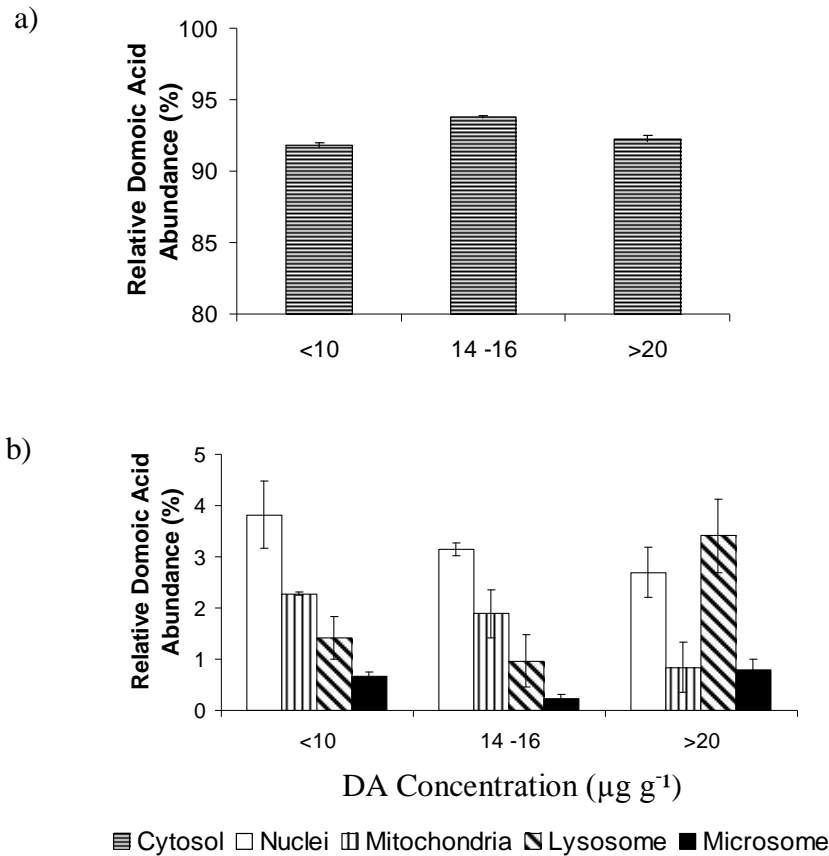
Fig. 4.3 Relative abundance (mean ± SD) of domoic acid in digestive gland cell fractions of *Octopus vulgaris* naturally contaminated with 3 levels of toxin (10.0 ±0.5, 15.0 ±0.5 and 22.0 ± 0.5 µg DA g^{-1}): a) soluble fraction (cytosol) and b) four insoluble fractions (nuclei, mitochondria, lysosome and microsome).

Sub-cellular partitioning of DA in the soluble and insoluble fractions (nuclei, mitochondria, lysosome, microsome) showed that nearly all DA (92 to 94 %) is found in cytosol (Fig. 4.3 a). The distribution of the remaining DA in each fraction was found in the following decreasing order: nuclei > lysosomes > mitochondria > microsomes (Fig.4.3 b). No significant differences were found between DA concentrations (H_2=4.57, $p > 0.05$). Nevertheless, an increase of DA relative abundance in organelles fractions, namely in the nuclei and mitochondria, with decreasing in the whole digestive

gland was observed. On the contrary, the lysosome fraction showed the highest DA relative abundance in the most toxic samples.

4.4. Discussion

Domoic acid is recurrently detected in shellfish during the spring-summer season, when blooms of *Pseudo-nitzschia* diatom occur associated with upwelling events (Palma et al., 2010; Vale and Sampayo 2001). Not surprisingly, DA was detected in mussels collected from February to August in the NW Portuguese coast during 2009. Mussels have been used as bioindicator organisms within the monitoring program for marine toxins (Vale et al., 2008). They are good indicators of the occurrence of *Pseudo-nitzschia* blooms, in particularly, and of the contamination of the marine environment in general. Another ecological role of bivalve molluscs is their importance as a food item in the octopus diet (Anderson et al., 2008; Rosa et al., 2005).

Although not being detected in mussels since early August, DA was detected in the digestive gland of each octopus specimen caught from September to November of 2009. Concentrations up to 26.6 µg DA g^{-1} were determined in these specimens while concentrations up to 166 and 124 µg DA g^{-1} were recorded in octopus samples collected during blooms of toxic plankton in May 2003 and June 2007, respectively (Costa et al., 2004; Costa and Pereira, 2010). Considering that octopuses are active predators with high growth and metabolic rates and DA is a hydrophilic compound, a fast DA elimination from octopus tissues would be reasonably expected. Moreover, a time-course decrease of DA concentration due to their degradation and elimination from octopus tissues would also be expected to be observable in the samples collected in

September-November 2009. These results suggest that a mechanism for retention of DA leading to slow toxin elimination lies beneath.

The sub-cellular fractionation of digestive glands showed that nearly all DA is found in the soluble fraction (cytosol) and not bound to any organelle. Residual retention of DA in the octopus digestive gland is not unique. Most of the DA retained in digestive gland of king scallops is in the free form in the cytosol and not bound to any substance, as reported by Mauriz and Blanco (2009). These authors also suggest that for zwitterion compounds, such as DA, a membrane transporter would be required to effectively eliminate DA from the cell. For tetrodotoxin (TTX), which is a zwitterion compound with neurotoxic properties that accumulates in the liver of certain puffer fish species, a binding protein has been purified (Matsui et al., 2000; Yotsu-Yamashita et al., 2002). Nevertheless, most of TTX may remain unbound (Matsumoto et al., 2010). Sub-cellular distribution of TTX in fish liver cells showed an identical distribution pattern to DA in digestive gland of octopus and scallops (Nagashima et al., 1999). Irrespectively to toxin levels, TTX was predominantly found in the cytosol.

In our study no significant differences ($p > 0.05$) were found on the sub-cellular distribution between levels of DA. Nevertheless, the relative DA abundance in fractions containing organelles with vital functions, such as nuclei and mitochondria, decreased with increasing toxin concentrations in the whole digestive gland. Lysosomes, which have functions of storage, degradation and elimination of toxic and waste compounds appear to be the dominant fraction when DA reaches higher levels in octopus digestive gland. DA toxicity to cell compartments is not known. In fact, the toxicity of DA to marine invertebrates has been scantily studied. Increasing concentrations of DA intra-

muscular injected to mussels suggested genotoxic responses of digestive gland cells that rapidly repaired after few days of incubation (Dizer et al., 2001).

This is the first report showing that octopus can retain DA for long periods after diatom bloom events. Nearly all DA remains in the soluble fraction of digestive gland cells. If similar to contaminants such as metals, this intracellular disposition may favour the trophic transfer of DA from prey to predators (Wallace and Lopez, 1997; Wallace and Luoma, 2003). Furthermore, the octopus central position in the marine food web and their low toxin depuration suggests octopus as highly potential toxin vector.

5. Concluding remarks

_____

After fed on toxin contaminated preys, the secondary consumers can contain paralytic and amnesic shellfish toxins in their digestive tissues. Then they can potentially spread the toxins throughout the food chain.

In order to prove this toxin accumulation a planktivorous fish (Horse mackerel) was collected between September 2009 and March 2010 in Peniche and Portimão. Specimens captured in September 10th of 2009 in Peniche revealed high concentrations of PSTs in its gastrointestinal tract. However no toxins were detected in specimens caught 15 days later, which suggest that PSTs are easily eliminated from fish tissues. The fish PST profile was dominated (in terms of molar ratio) by B1 and dcSTX. C1+2, dcGTX2+3, GTX2+3 and STX were also quantified but in lower concentrations.

To understand these field measurements, laboratory experiments were conducted to assess uptake/elimination dynamics of PSTs. White seabream exposed to naturally contaminated shellfish containing several PSTs namely C1+2, B1, dcGTX2+3, dcNeo, dcSTX, GTX2+3 and STX, was found to accumulate the same PSTs that were dominant in horse mackerel (dcSTX and B1). This can be due to a specific elimination of both toxins in the fishes' gastrointestinal tract. In addiction dcSTX reveal a slower elimination than B1.

In contrary to the high concentrations of PST detected in the horse mackerel, AST was never detected during the sampling period (Sept-March). Since blooms of _Pseudo-nitzschia_ spp, DA producing algae, mostly occur during spring and early summer, we

can suggest that horse mackerel was not exposed to the toxin. Plus during the sampling period, according to the National Monitoring Program for Marine Toxins, DA was either not found in bivalve mollusc. However, during this period DA was detected in the digestive gland of octopus specimens caught in Peniche. This was not predicted since DA as a hydrophilic compound should be easily released.

To better understand the octopus slow DA depuration, its digestive glands were sequential centrifuged for obtain DA sub-cellular distribution. The experiment shows that nearly all DA found in its digestive glands were in the soluble fraction (cytosol) and not bound to any organelle. Thus, the digestive gland of octopus must have some retention mechanism of DA or may be binding to some protein, as previous suggested for another compound with neurotoxic proprieties.

The contamination of the wildlife resources may increase the requirement of a risk evaluation of routes of exposure, species specific and population specific sensitivities, depuration rates, compartmentalization, and biotransformation of the marine toxins. Since toxin transfer through the food chain can lead to toxicological effects in the piscivorous organisms and subsequently disturbance of the ecosystem satiability. Furthermore a health risk can be underlying, given that some of this species have also an important commercial value.

6. References

_____

Anderson RC, Wood JB, Mather JA. *Octopus vulgaris* in the Caribbean is a specializing generalist. Mar Ecol- Prog Ser 2008; 371: 199-202

Bates SS. Ecophysiology and metabolism of AST toxin production. 1998; 405-426 In: Anderson DM, Cembella AD, Hallegraeff GM (eds) The physiological eco1ogy of harmful algal blooms. Springer-Verlag, Heidelberg

Bates SS, Bird CJ, de Freitas ASW, Foxall R, Gilgan M, Hanic LA, Johnson GR, McCulloch AW, Odense P, Pocklington R, Quilliam MA, Sim PG, Smith JC, Subba Rao DV, Todd ECD, Walter JA, Wright JLC. Pennate diaom *Nitzschia pungens* as the primary source of domoic acid, a toxin in shellfish from eastern Prince Edward Island, Canada. Can J Fish Aquat Sci 1989; 46 : 1203 – 1215

Berman FW, Murray TF. Domoic acid neurotoxicity in cultured cerebellar granule neurons is mediated predominantly by NMDA receptors that are activated as a consequence of excitatory amino acid release. J Neurochem 1997; 69: 693-703

Blanco J, Acosta CP, De la Puente MB, Salgado C. Depuration and anatomical distribution of the amnesic shellfish poisoning (ASP) toxin domoic acid in the king scallop *Pecten maximus.* Aquat Toxicol 2002b; 60: 111-121

Blanco J, De la Puente MB, Arévalo F, Salgado C, Moroño A. Depuration of mussels (*Mytilus galloprovincialis*) contaminated with domoic acid. Aquat Living Resour 2002a; 15: 53-60

Bricelj VM, Shumway SE. Paralytic shellfish toxins in bivalve molluscs: occurrence, transfer, kinetics and biotrasformation. Rev Fish Sci 1998; 6: 315-383

Bricelj VM, Lee JM, Cembella AD. Influence of dinoflagellate cell toxicity on uptake and loss of paralytic shellfish toxins in the northern quahog, *Mercenaria mercenaria.* Mar Ecol Prog Ser 1991; 74: 33-46

Cabral HN, Murta A. The diet of blue whiting, hake, horse mackerel and mackerel off Portugal. J Appl Ichthyol 2002; 18: 14-23

Campbell PGC, Giguère A, Bonneris E, Hare L. Cadmium- handling strategies in teo chronically exposed indigenous freshwater organisms – the yellow perch (*Perca flavescens*) and the floater mollusc (*Pyganodon grandis*). Aquat Toxicol 2005; 72: 73-97

Sandra Lage

References

Castley JG, Cockcroft VG, Kerley GIH. A note on the stomach contents of fur seals *Arctocephalus pusillus pusillus* beached on the south-east coast of South Africa. S Afr J Marine Sci 1991; 11: 573 - 577

Castonguay M, Levasseur M, Beaulieu J-L, Grégoire F, Michaud S, Bonneau E, Bates SS. Accumulation of PSP toxins in Atlantic mackerel: seasonal and ontogenetic variations. J. Fish Biol 1997; 50, 1203-1213

Cembella AD, Quilliam MA, Lewis NI, Bauder AG, Dell'Aversano C, Thomas K, Jellett J, Cusack RR. The toxigenic marine dinoflagellate *Alexandrium tamarense* as the probable cause of mortality of caged salmon in Nova Scotia. Harmful Algae 2002; 1: 313-325

Cembella AD, Shumway SE, Laracque R. Sequestering and putative biotransformation of paralytic shellfish toxins by the sea scallop, *Placopecten magellanicus*: seasonal and spatial scales in natural populations. J Exp Mar Biol 1994; 180: 1-22

Chebib H, Cembella AD, Anderson P. Differential paralytic shellfish toxin accumulation and detoxification kinetics in transplanted populations of Mytilus edulis exposed to natural blooms of *Alexandrium excavatum*. 1993; 383-388 In: Smayda T.J., Shimizu Y (eds.), *Toxic Phytoplankton Blooms in the Sea*, Elsevier, Amsterdam.

Costa PR, Garrido S. Domoic acid accumulation in the sardine *Sardina pilchardus* and its relationship to *Pseudo-nitzschia* diatom ingestion. Mar Ecol Prog Ser 2004; 284: 261- 268

Costa PR, Pereira J. Ontogenic differences in the concentration of domoic acid in the digestive gland of male and female *Octopus vulgaris*. Aquat Biol 2010; *in press* (Doi: 10.3354/ab00255)

Costa PR, Rodrigues S, Botelho MJ, Sampayo MAM. A potential vector of domic acid: the swimming crab *Polybius henslowii* Leach (Decapoda–Brachyura). Toxicon 2003; 42: 135–141

Costa PR, Rosa R, Pereira J, Sampayo MAM. Detection of domoic acid, the amnesic shellfish toxin, in the digestive gland of *Eledone cirrhosa* and *E. moschata* (Cephalopoda, Octopoda) from the Portuguese coast. Aquat Liv Res 2005; 18:395-400

Costa PR, Rosa R, Sampayo MAM. Tissue distribution of the amnesic shellfish toxin, domoic acid, in *Octopus vulgaris* from the Portuguese coast. Mar Biol 2004; 144: 971-976

Debonnel G, Beauchesne L, Demontigny C. Domoic acid, the alleged mussel toxin, might produce its neurotoxic effect through kainate receptor activation- an electrophysiological study in the rat dorsal hippocampus. Can J Physiol Pharm 1989; 67: 29-33

References

Deeds JR, Landsberg JH, Etheridge SM, Pitcher GC, Longan SW. Non-traditional vectors for paralytic shellfish poisoning. Mar Drugs 2008; 6: 308-348

Dizer H, Fischer B, Harabawy ASA, Hennion M-C, Hansen P-D. Toxicity of domoic acid in the marine mussel *Mytilus edulis.* Aquat Toxicol 2001; 55:149-156

Douglas DJ, Kenchington ER, Bird CJ, Pocklington R, Bradford B, Silvert W. Accumulation of domoic acid by the sea scallop (*Placopecten magellanicus*) fed cultured cells of toxic *Pseudo-nitzschia multiseries.* Can J Fish Aquat Sci 1997; 54: 907–913

Eastaugh J, Shephard S. Infectious and toxic syndromes from fish and shellfish consumption. Arch Intern Med 1989; 149:1735- 1740

Ebert DA. Diet of the seven gill shark *Notorynchus cepedianus* in the temperate coastal waters of southern Africa. S Afr J Marine Sci 1991; 11: 565 - 572

Etheridge SM, Roesler CS. Effects of temperature, irradiance, and salinity on photosynthesis, growth rates, total toxicity, and toxin composition for *Alexandrium fundyense* isolates from the Gulf of Maine and Bay of Fundy. Deep- Sea Res PT II 2005; 52: 2591-2500

Etheridge SM. Paralytic shellfish poisoning: seafood safety and human health perspectives. Toxicon 2010; *in press*

EU Directive. Regulation (EC) no. 853/2004 of the European Parliament and of the Council of 29 April 2004. OJEC 2004; L139: 55–205

Franca S, Almeida JF. Paralytic shellfish poisons in bivalve molluscs on the Portuguese coast caused by a bloom of the dinoflagellate *Gymnodinium catenatum.* 1989; 89 – 92 In: Okaichi T, Anderson DM, Nemoto (eds), Red Tides: Biology, Environmental Science and Toxicology. Elsevier, New York

Garrido S, Murta AG, Moreira A, Ferreira MJ, Angélico MM. Horse mackerel (*Trachurus trachurus*) stomach fullness off Portugal: index calibration and spatio-temporal variations in feeding intensity. IJMS 2008; 65: 1 - 8

Geraci JR, Anderson DM, Timperi RJ, St Aubin DJ, Early GA, Prescott JM, Mayo CA. Humpback whales (Megaoetera novaeangliae) fatally poisoned by dinoflagellate toxin. Can. J. Fish. Aq. Sc. 1989; 46: 1895-1898

References

Horner RA, Kusske MB, Moynihan BP, Skinner RN, Wekell JC. Retention of domoic acid by Pacific razor clams, *Siliqua patula* (Dixon, 1789): preliminary study. J Shellfish Res 1993; 12: 451–456

Kwong RWM, Wang W-X, Lam PKS, Yu PKN. The uptake, distribution and elimination of paralytic shellfish toxins in the mussels and fish exposed to toxic dinoflagellates. Aquat Toxicol. 2006; 80: 82-91

Lawrence JF, Niedzwiadek B, Menard C. Quantitative determination of paralytic shellfish poisoning toxins in shellfish using prechromatographic oxidation and liquid chromatography with fluorescence detection: collaborative study. J. AOAC Int. 2005; 88: 1714 – 1732

Lefebvre KA, Powell CL, Busman M, Doucette GJ, Moeller PDR, Silver JB, Miller PE, Hughes MP, Singaram S, Silver MW, Tjeerdema RS. Detection of domoic acid in northern anchovies and California sea lions associated with an unusual mortality event. Nat Toxins 1999; 7: 85-92

Lefebvre KA, Silver MW, Coale SL, Tjeerdema RS. Domoic acid in planktivorous fish in relation to toxic *Pseudo-nitzschia* cell densities. Mar Biol 2002; 140: 625-631.

Leitão F, Santos MN, Monteiro CC. Contribution of artificial reefs to the diet of the white sea bream (*Diplodus sargus*). IJMS 2007; 64: 473-478

Masó M and Gracés E. Harmful microalgae blooms (HAB); problematic and conditions that induce them. Mar Pollut Bull 2006; 53: 620-630

Matsui T, Yamamori K, Furukawa K, Kono M. Purification and some properties of a tetrodotoxin binding protein from the blood plasma of kusafugu, *Takifugu niphobles*. Toxicon 2000; 38: 463-468

Matsumoto T, Tanuma D, Tsutsumi K, Jeon J-K, Ishizaki S, Nagashima Y. Plasma protein binding of tetrodotoxin in the marine puffer fish *Takifugu rubripes*. Toxicon 2010; 55: 415-420

Mauriz A, Blanco J. Distribution and linkage of domoic acid (amnesic shellfish poisoning toxins) in subcellular fractions of the digestive gland of the scallop *Pecten maximus*. Toxicon 2009; 55: 606- 611

Moita MT, Oliveira PB, Mendes JC, Palma AS. Distribution of clorophill a and *Gymnodinium catenatum* associated with coastal upwelling plumes of central Portugal. ACTA OECOL 2003; 24: 125 – 132

Moita MT, Palma S, Oliveira PB, Vidal T, Silva A, Vilarinho G. The return of Gymnodinium catenatum after 10 years: bloom initiation and transport off the Portuguese Coast. 2006. 12th Internacional Conference on Harmful Algae, Copenhagen.

References

Moita MT, Vilarinho MG, Palma AS. On the variability of *Gymnodinium catenatum* Graham blooms in Portuguese waters. 1998; 182-183 In: Reguera B, Blanco J, Fernández ML, Wyatt T (eds.) Harmful Algae, Xunta de Galicia and IOC of UNESCO, Spain.

Montoya NG, Reyero MI, Akselman R, Franco JM, Carreto JI. Paralytic shellfish toxins in the anchovy *engraulis anchoita* from the argentina coast. Harmful Algae 1998; 72-73

Montoya NG, Akselman R, Franco J, Carreto JI. Paralytic shellfish toxins and mackerel (*Scomber japonicus*) mortality in the Argentine Sea. 1996; 1: 417-420 In: Yasumoto T, Oshima Y, Fukuyo (eds.) Harmful and toxic algal blooms. Intergovernmental Oceanographic Commission of UNESCO

Nagashima Y, Hamada Y, Ushio H, Nishio S, Shimakura K, Shiomi K. Subcellular distribution of tetrodotoxin in puffer fish liver. Toxicon 1999; 37: 1833-1837

Narahashi T. Mechanism of tetrodotoxin and saxitoxin action. 1988; 185-210 In: Tiu AT, editor. Handbook of Natural Toxins- Marine toxins and venoms. Marcel Dekker Inc; New York

Negri AP, Bolch CJS, Geier S, Green DH, Park TG, Blackburn SI. Widespread presence of hydrophobic paralytic shellfish toxins in *Gymnodinium catenatum*. Harmful Algae 2007; 6: 774-780

Novaczek I, Madhyastha MS, Ablett RF, Donald A, Johnson G, Nijjar MS, Sims DE. Depuration of domoic acid from live blue mussels(*Mytilus edulis*). Can J Fish Aquat Sci 1992; 49: 312–318

Ordás MC, Fraga S, Franco JM, Ordás A, Figueras A. Toxin and molecular analysis of *Gymnodinium catenatum* (Dinophyceae) strains from Galicia (NW Spain) and Andalucía (S Spain). J Plankton Res 2004; 26: 341-349

Oshima Y, Blackburn SI, Hallegraeff GM. Comparative study on paralytic shellfish toxin profiles of the dinoflagellate *Gymnodinium catenatum* from three different countries. Mar Biol 1993; 116: 471-476

Osman AM, Mahmoud HH. Feeding biology of *Diplodus sargus* and *Diplodus vulgaris* (Teleostei, Sparidae) in Egyptian Mediterranean waters. World J Fish & Marine Sci 2009; 4: 290 – 296

Palma S, Mouriño H, Silva A, Barão MI, Moita MT. Can *Pseudo-nitzschia* blooms be modeled by coastal upwelling in Lisbon Bay? Harmful Algae 2010; 9: 294- 303

Perl TM, Bedard L, Kosatsky T, Hockin JC, Todd ECD, Remis RS. An outbreak of toxic encephalopathy caused by eating mussels contaminated with domoic acid. New Engl J Med 1990; 322: 1775-1780

Price DW, Kiser KM, Hansgen KH. California's paralytic shellfish poisoning prevention program, 1927-89. J Shellfish Res 1991; 10: 119-145

Quilliam MA, Wright JLC. The amnesic shellfish poisoning mystery. Anal Chem 1989; 61: A1053 - A1054

Quilliam MA. Supplemental information for PSP toxin CRMs. NRC – CNRC Institute for Marine Biosciences 2007; 1 - 5

Quilliam MA, Xie M, Hardstaff WR. Rapid extraction and cleanup for liquid chromatographic determination of domoic acid in unsalted seafood. J AOAC Int 1995; 78 : 543 - 554

Raimundo J, Vale C, Duarte R, Moura I. Sub-cellular partitioning of Zn, Cu, Cd and Pb in the digestive gland of native *Octopus vulgaris* exposed to different metal concentrations (Portugal). Sci Total Environ 2008; 390: 410-416

Reyero M, Cacho E, Martinez A, Vazquez Js, Marina A, Fraga S, Franco JM. Evidence of saxitoxin derivatives as causitive agents in the 1997 mass mortality of monk seals in the Cape Blanc peninsula. Nat Toxins 1999; 7: 311–315

Rosa R, Pereira J, Nunes ML. Biochemical composition of cephalopods with different life strategies, with special reference to a giant squid, *Architeuthis* sp.. Mar Biol 2005; 146: 739-751

Saito T, Noguchi T, Takeuchi T, Kamimura S, Hashimoto K. Ichthyotoxicity of paralytic shellfish poison. Bull. Jpn. Soc. Sci. Fish. 1985; 51: 257-260

Sampayo MAM, França S, Sousa I, Alvito P, Vale P, Botelho MJ, Rodrigues S, Vieira A. Dez anos de monitorização de biotoxinas marinhas em Portugal (1986-1996). Arq Inst Nacional Saúde 1997; 23: 181-188

Samsur M, Yamaguchi Y, Sagara T, Takatani T, Arakawa O, Noguchi T. Accumulation and depuration profiles of PSP toxins in the short-necked clam *Tapes japonica* fed with the toxic dinoflagellate *Alexandrium catenella*. Toxicon 2006; 48: 323-330

Scholin CA, Gulland F, Doucette GJ, Benson S, Busman M, Chavez FP, Cordaro J, DeLong R, De Vogelaere A, Harvey J, Haulena M, Lefebvre K, Lipscomb T, Loscutoff S, Lowenstine LJ, Marin R, Miller PE, McLellan WA, Moeller PDR, Powell CL, Rowles T, Silvagni P, Silver M, Spraker T, Trainer V, Van Dolah FM. Mortality of sea lions along the central California coast linked to a toxic diatom bloom. Nature 2000; 403: 80-84

References

Sephton DH, Haya K, Martin JL, LeGresley MM, Page FH. Paralytic shellfish toxins in zooplankton, mussels, lobsters, and caged Atlantic salmon, salmo solar, during a bloom of *Alexandrium fundyense* off grand manan island, in the bay of fundy, Harmful algae 2007; 6: 745-758

Shumway SE, Barter J, Sherman-Caswell S. Auditing the impact of toxic algal blooms on oysters. Environmental Auditor 1990; 2: 41-56

Sierra-Beltrán AP, Palafox-Uribe M, Grajales-Montiel J, Cruz-Villacorta A, Ochoa JL. Sea bird mortality at Cabo San Lucas, Mexico: Evidence that toxic diatom blooms are spreading. Toxicon 1997; 35: 447-453

Silva MA. Diet of dolphins, *Delphinus delphis*, of the Portuguese continental coast. J Mar Biol Assoc UK 1999; 79: 531-540

Smayda TJ and Reynolds CS. Strategies of marine dinoflagellate survival and some rules of assembly. J Sea Res 2003; 49: 95-106

Smayda TJ. Bloom dynamics: Physiology, behaviour, trophic effects. Limnol Oceanogr 1997; 42: 1132-1136

Todd ECD. Domoic acid and amnesic shellfish poisoning -a review. J Food Protect 1993; 56: 69-83

Trainer VL, Adams NG, Bill BD, Stehr CM, Wekell JC, Moeller P, Busman M, Woodruff D. Domoic acid production near California coastal upwelling zones, June 1998. Limnol Oceanogr 2000; 45: 1818-1833

Vale P, Botelho MJ, Rodrigues SM, Gomes SS, Sampayo MAD. Two decades of marine biotoxin monitoring in bivalves from Portugal (1986-2006): A review of exposure assessment. Harmful Algae 2008; 7: 11-25

Vale P, Sampayo MAM. Domoic acid in Portuguese shellfish and fish. Toxicon 2001; 39: 893–904

Wallace WG, Lopez GR. Bioavailability of biologically sequestered cadmium and the implications of metal detoxification. Mar Ecol- Prog Ser 1997; 147: 149-157

Wallace WG, Luoma SN. Subcellular compartimentalization of Cd and Zn in two bivalves. II. Significance of trophically available metal (TAM). Mar Ecol- Prog Ser 2003; 257: 125-137

White AW. 1989; 171 -180 In: Seafood toxins. Ragelis EP (ed) Am Chem Soc Symposium - ACS, Washington DC

References

White AW. Marine Zooplankton can accumulate and retain dinoflagellate toxins and cause fish kills. Limnol. Oceanogr. 1981; 26: 103-109

Yotsu-Yamashita M, Shoji Y, Terakawa T, Yamada S, Miyazawa T, Yasumoto T. Mutual binding inhibition of tetrodotoxin and saxitoxin to their binding protein from the plasma of the puffer fish, *Fugu pardalis*. Biosci Biotech and Bioch 2002; 66: 2520-2524

Acknowledgements

_____

This dissertation would not have come true without the valuable help of my supervisors.

I am glad to Dr Vanda Brotas for your availability, guidance and to review the logic of my dissertation.

Dr Pedro Costa, thank you for welcoming me in IPIMAR, for your continuous scientific teaching, for your comprehension and goodwill, which were very valuable especially to overcome the difficulties of writing a dissertation in English. I am also very grateful for challenging me to do better every time.

Maria João Botelho, Susana Rodrigues and Ana Monteiro, thank you for making my stay in IPIMAR more enjoyable and for answer all my doubts about chemistry and chromatography.

Thank you to the IPIMAR members, especially to Fátima, for your technical assistance and kindness.

I would also like thank my closest friends and my roommates for always cheering me up and for all that lunch and dinner parties which giving me the strength to overcome the hard moments with a smile.

Finally I am very grateful to my parents, for your constant support and for always pushing me to follow my dreams.